

CONCEPÇÃO DE PRESENÇA EM GUMBRECHT – CONTRIBUIÇÃO PARADIGMÁTICA E INTERDISCIPLINAR¹

RESUMO

Este trabalho pretende apresentar alguns pontos do pensamento filosófico de Gumbrecht sobre a presença, especialmente, com relação às possibilidades da linguagem. A partir desse *logos* propõe-se uma crítica introdutória aos conceitos de coisa, de sujeito/objeto, de visão cartesiana do mundo, demonstrando, a partir do autor analisado, as possibilidades de tangibilidade por meio da linguagem e o que isso representa em face dos paradigmas vigentes das ciências instituídas. A teoria da linguagem de Gumbrecht é subsídio importante para a reflexão transdisciplinar, etnometodológica e etnoecológica; pode contribuir para um aprofundamento conceitual da “visão dionisíaca de mundo” de Nietzsche e Maffesoli; da “Geografia Humana” e do etnoconceito de “lugar” de Yi-Fu Tuan; dos conceitos de “abertura”, “lida”, “práxis”, “linguagem”, “*Dasein*”, “Ser-no-mundo” de Heidegger; de “adaptabilidade” de Moran e de “autopoiesis” e da fenomenologia biológica de Maturana.

Palavras-chave: Hans Ulrich Gumbrecht, Epistemologia, presença, ecolinguística

THE GUMBRECHT CONCEPT OF PRESENCE – CONTRIBUTION PARADIGMATIC AND TRANSDISCIPLINARY

ABSTRACT

This paper presents some points of philosophical thought Gumbrecht about the presence, especially with regard to the possibilities of language. From that *logos* proposes the concepts of an introductory thing, the subject/object, the Cartesian worldview criticism, demonstrating, from the author analyzed the possibilities of tangibility through language and what it represents in the face of the paradigms force of established science. The theory of language is important Gumbrecht allowance for transdisciplinary, ethnomethodological and ethnoecological reflection, may contribute to a conceptual deepening "Dionysian worldview" from Nietzsche and Maffesoli, the "Human Geography" and the ethno-concept of "place" of Fu-Yi Tuan, the concepts of "openness", "read", "praxis", "language", "*Dasein*", "Being-in-the-world" Heidegger, the "adaptability" of Moran and "autopoiesis" and biological phenomenology of the Maturana.

Keywords: Hans Ulrich Gumbrecht, Epistemology, presence, ecolinguistic

1. INTRODUÇÃO

Hans Ulrich Gumbrecht nasceu em Wuerzburg, na Alemanha, em 1948. É professor de literatura na Universidade de Stanford. Defende o “*riskful thinking*”, aproximadamente “pensamento ariscado”, que enxerga no “consenso [...] o buraco negro das Humanidades”.

¹ Wellington Amâncio da Silva(Ecologia Humana e Gestão Socioambiental – UNEB/PPGEcoH. Vinculado ao grupo de pesquisa “Memória, Identidade, Territorialidade, Educação do/no Campo e Espaços de Sociabilidade” - OPARÁ. welliamancio@hotmail.com).

Segundo Sanford (2000), em face desse pensamento, Gumbrecht reconhece que o papel da academia é “manter viva a complexidade sublime”, pelo movimento heurístico visando “perseguir idéias e realizar pesquisas que não produzem apenas uma ou algumas respostas fáceis, mas geralmente novos questionamentos”.

Desde a formulação das “materialidades da comunicação” no início da década de 1980 até suas investigações sobre as alternativas não metafísicas à cultura hermenêutica predominante nas ciências humanas (JASMIN, 2010), Gumbrecht vem desenvolvendo pesquisas sobre o que ele denomina de “produção da presença” (2010, p.38), como primeira contato não hermenêutico de atribuição² de sentidos, do sujeito aos objetos do mundo, como desejo de presença (1992).

2. EM BUSCA DA PRESENÇA

O paradoxo do distanciamento analítico em relação ao objeto como condição da sua da “apreensão” e conseqüentemente da interpretação do seu sentido profundo (2012, p. 71) é reconhecido na metafísica como um dos fundamentos da Filosofia e, digamos, uma visão do mundo que em sua etimologia, visa ir além do físico, do tangível. Por exemplo, a linguagem escrita é já um procedimento analítico descritivo em face dos objetos, portanto evoca a *coisa* pela representação, através do seu distanciamento ontológico (*ibid*, p.61-66). Em face dessas “contradições”, Gumbrecht visa um retorno sobretudo das experiências da *presença* do mundo na linguagem, em resposta à hegemonia das experiências da “cultura hermenêutica” (2010, p.7) como atribuição de *sentidos* às coisas. Desta hipótese, pergunta-se: é possível à linguagem uma produção de presença? A suspensão das atribuições de sentido (GUMBRECHT, 2004, p. 123-126) aos objetos, não anularia a linguagem? Em vista de encontrar algumas respostas, antes é preciso contextualizar seu manifesto que é parte de um discurso desconstrutivista muito presente na contemporaneidade.

² Sobre atribuição de sentidos aos “objetos incapazes de reciprocidade”, de um ponto de vista bastante diferente de Gumbrecht (partilha de sentidos de objetos que são recíprocos pelo simples fato de estarem disponíveis e possíveis de vivenciá-los), veja Tamen, 2003, p. 12-14. Para Tamen (baseado em Aristóteles), a passividade do objeto é absoluta: essa ausência de reciprocidade dos objetos ocorre pelo fato de que não comunicam nem interagem/dialogam com o sujeito por meio de uma linguagem própria, lógica, familiar e especificamente apreendida cognitivamente. No objeto reverbera apenas aquilo que o sujeito pensa e diz como projeção que retorna do objeto (2003, p. 13), nisso também “embaralha” o conceito de objeto e de coisa ao mesmo tempo.

Tendo algumas bases teóricas conceituais a partir de Heidegger, de Lyotard³, de Derrida, Foucault, de Nancy, entre outros Gumbrecht reconhece “a crise de paradigma das Grandes Teorias Sociais da Modernidade” (EVANGELISTA, 2002), que suscitou diversas críticas aos modelos instituídos pelas ciências e pela filosofia, sobretudo da saturação da visão de mundo cartesiana (CAPRA, 2001).

Segundo Gumbrecht, a cultura ocidental, em sua herança de tradição platônica, e moderna (sobretudo em Kant e Hegel) é uma “cultura predominantemente de significado” – que ele argumenta ao utilizar, numa perspectiva de dicotomia, de duas vias históricas do pensamento ocidental: *cultura da presença/cultura de sentido* (2012, p. 61), onde a verdade é negociável, mas a linguagem é incapaz⁴ de se referir aos objetos do mundo; a autorreferência humana é o próprio pensamento, na mesma tradição cartesiana que se utiliza do próprio termo *res cogitans* [...] (2012. p.63-64) como “campo hermenêutico”⁵, instância de afastamento da presença dos objetos que prima por sua interpretação. O autor reconhece que há um problema essencial de tentativas *ad infinitum* de compensação dos significados das coisas por meio da interpretação:

O campo hermenêutico produz o pressuposto de que os significantes da superfície material do mundo nunca são suficientes para expressar toda a verdade presente na sua profundidade espiritual, e, portanto, estabelece uma constante demanda de interpretação como um ato que compensa as deficiências da expressão. (GUMBRECHT, 1998, p.12-13).

Entretanto, antes é preciso diferenciar outros dois paradigmas que, segundo o autor, propiciam cada um, modos distintos de aproximação aos objetos do mundo, a saber: o conceito de *objeto* e o de *coisa*⁶ (*ibid*, p.65).

Da tradição de afastamento, isto é, intrínseca à “imagem cartesiana do mundo” (2010, p. 14), é que efetivou-se antropocentrismo cognitivo cartesiano do *cogito ergo sum*; destarte, os fenômenos (coisas) são postos “em afastamento”, isto é, o sujeito cognoscitivo abstrai a *coisa* em sua consciência como condição de “apreensão simbólica” e analítico dos seus significados - quando geralmente é de “atribuição” de sentido que se fala.

³ A conceituação em literatura, de hipermediação versus corporeidade, nostalgia do corpo perdido.

⁴ O autor se refere à discussão iniciada por Saussure e em seguida por Derrida, entre outros, ao pensamento metafísico, à virada pós-linguística, ao existencialismo linguístico.

⁵ Para Gumbrecht, são Dilthey, Heidegger e Gadamer, os *refundadores* da hermenêutica moderna.

⁶ No seu Livro: “Produção de presença”, Gumbrecht parece não articular bem esses termos.

Com certas aproximações teóricas, sobre essa convicção Merleu-Ponty defendeu que “se o próprio pensamento não colocasse nas coisas aquilo que em seguida encontraria nelas, ele não teria poder sobre as coisas, não as pensaria” (2011, p. 496), então, para os fenomenólogos do século vinte estavam resolvidos os problemas⁷ ou “aporias” apresentados pela Teoria do Conhecimento, desde Descartes até Kant? Gumbrecht afirmaria que há uma primazia (da interpretação) do sujeito sobre o objeto. Ainda a propósito do conceito de *coisa* como fenômeno, Gumbrecht a denomina de *res extesae*, isto é, aquilo que se apresenta apenas na condição de afastamento espacial⁸.

Por outro lado, a inter-relação com o mundo fundada na presença (*ibid*, p. 15), na *lida* com os *objetos* do mundo cotidiano, faria os sujeitos compreenderem que a “percepção não se dá no vazio, mas em um estar-com-o-percebido” (MACEDO, 2010, p.16), em um encontro que corrobora à afeição, pois, “[...] a partir do mundo o ente poderá, então, revelar-se no toque e, assim, tornar-se acessível [...]” (HEIDEGGER, 1997, § 12, p. 93) e deste modo, compreender-se a importância da abertura do mundo ao sujeito recebida nos atos de respeito, valorização e abrigo a tudo aquilo que se encontra como presença para “diante corpo”.

Bergson (2011), também com sua “filosofia da presença” nos advertiu que “os objetos que cercam o meu corpo refletem a ação possível do meu corpo sobre eles” (p. 82) demonstrando assim a mútua influência destas interações.

Em contraste com o conceito cartesiano de *coisa*, o autor apresenta o conceito de *objeto*, como aquilo que se encontra presente (*prae-esse*), isto é, “a nossa frente” (2012, p. 64). A respeito de dessas experiências, é primeiro na *lida* com o mundo e depois na sua interpretação que os sujeitos “compartilham cognitivamente em comum” (SCHUTZ, 2012, p.346).

⁷ Acerca dos dilemas da conceituação da relação sujeito objeto do racionalismo dogmático de Descartes, Spinoza, Wolff, Leibniz; do Empirismo Cético de Bacon, Locke e Hume e do Criticismo de Kant.

⁸ Tuan (2013) faz uma diferenciação entre espaço e lugar, articulando esses dois conceitos oposto como distanciamento e aproximação. O conceito de espaço é uma representação de lugar, uma abstração, enquanto lugar é o marco do ser-no-mundo, onde os seus sentidos estão condicionados às, e construídos nas experiências da presença do sujeito aí situado e implicado.

Destarte, um conceito caro a Gumbrecht (2012, p. 65) é que “o ser-no-mundo é, sem dúvida, uma constituição necessária e a *prior* da presença [...]” (HEIDEGGER, 2006, § 12) enfatizando sua redescoberta do corpo como instância de contato com o mundo, mas reconsiderando às instâncias da percepção no empirismo. Sobre esse *in-der-welt-sein* o próprio de Heidegger diz que:

[...] *Ser-no-mundo* é um conceito perfeitamente ajustado a um tipo de reflexão e análise que tenta recuperar a componente de presença em nossa relação com as coisas do mundo. (GUMBRECHT, 2010, p.92)

Em suas *críticas da metafísica ocidental* (2012 p.63), Gumbrecht busca demonstrar alguns problemas nessa expressão⁹, referentes às “oscilações tensas” e não resolvidas entre *linguagem e presença* em seus aspectos de polissemia, *Paradoxos, Dissonâncias, Colapsos* (2010, p. 33). Para isso, ele formula o que denomina de os “dois níveis metafísicos”, a saber, “superfície material” e “profundidade semântica” (*ibid*, p. 71). Assim, a respeito dessas oscilações, o que na linguagem a representação gostaria de designar (em seu fundamento, em sua origem) a presença aí mesmo oblitera (NANCY, 1993, p.4-5), deixando escapar o “objeto”, ao longe - naquilo que Kant denominava a impossibilidade da *Ding an sich* (*coisa-em-si*). Por causa disso, o autor ao criticar os paradigmas da hermenêutica e interpretação da *cultura de sentidos* assume o compromisso de:

lutar contra a tendência da cultura contemporânea de abandonar, e até esquecer, a possibilidade de uma relação com o mundo fundada na presença. Mais especificamente, assume o compromisso de lutar contra a diminuição sistemática da presença e contra a centralidade incontestada da interpretação nas disciplinas do que chamamos ‘Artes’ e ‘Humanidades’ (GUMBRECHT, 2010, p.15)

Em outra oportunidade, o autor afirmaria mais um aspecto da cultura da presença, numa afirmação, digamos, etnoecológica, de que “os seres humanos se consideram parte do mundo dos objetos e não são ontologicamente separados dele” (*ibid*, p. 65), por causa dessa copertença comprova-se “a capacidade humana de imbuir significado no mundo” (MORAN, 2010, p.87), visto que a cultura da presença visa uma aproximação orgânica, vivencial, e uma interação afetiva, por meio de uma compreensão que não é só sentido. Segundo Gumbrecht,

⁹ Metafísica, *Μετὰ τα φυσικά*, significa “além das coisas físicas”. Título dado por Andrônico de Rodes aos quatorze livros de Aristóteles que por sua vez não usou essa expressão.

Pode-se supor que esta função de objeto não apenas como um meio, como é enfatizado regularmente, mas também como um sinal do “caminho” [...] em direção a realização no *hic et nunc* (1992, p.72).

A partir da convergência dos conceitos de *Dasein* e *presença* (*ibid*, p. 72), o autor afirma que por estarem estritamente correlacionados “à dimensão espacial e são associados a movimento” (GUMBRECHT, 2004, p. 77).

Segundo Blanc (2011), Heidegger “sublinhou em “*Sein und Zeit*”, (na linha do que já fora antes dito por Marx), a primazia da *práxis* sobre a atitude teórica ou contemplativa” (p. 39) da representação, da interpretação e da significação sobre “os objetos” do mundo cotidiano, como *práticas de produção de sentidos* - “o que se costumava ver como ocupando ambos os lugares do *sujeito* e do *objeto*” (GUMBRECHT, 1992, p.4).

Gumbrecht coloca o problema da *práxis* (2012, p.27-28), não como Marx, a partir de Heidegger, no sentido de *lida*, como termo que fundamenta sua argumentação sobre “cultura de presença” (*ibid*, p.64), em conexão com o conceito de *ser-no-mundo*, *copertença* (Maffesoli), *dionisíaco* (Nietzsche), *existência situada* (Heidegger), *multirreferencialidade* (Ardoino), *etnometodologia* (Garfinkel), *transdisciplinaridade* (Nicolescu), *ecolinguística* (Couto), *Etnoecologia* (Toledo), *complexidade* (Morin), sobretudo o conceito de *ecologia dos saberes* (Boaventura) - característico da *cultura da presença* -, que tem como proposta uma abertura a outras formas de conhecimentos (étnicos, popular, do senso comum) ante o saber majoritário das ciências interpretativas (*cultura do sentido*).

3. AMALGAMAÇÕES DA LINGUAGEM

No seu artigo “presença na linguagem ou presença contra a linguagem?”, o autor apresenta algumas evidências históricas sobre a cultura da presença, que ele define como “os seis tipos de amalgamações entre linguagem e presença” (*ibid*, p.65): a linguagem falada como realidade física; as práticas fundamentais da filologia; qualquer tipo de linguagem capaz de causar uma experiência estética a experiência mística e a linguagem do místico; a abertura da linguagem para o mundo dos objetos; a literatura como lugar da epifania. Todos eles primando muito mais por um retorno às coisas em si

mesmas do que pelo sentido dessas coisas; são menos cognitivos e mais “momentos de intensidade (GUMBRECHT, 2004, p. 98).

Na primeira amalgamação, Gumbrecht lembra o conceito de “*volume*” da linguagem de Gadamar, (diferenciando do seu caráter proposicional e apofântico), ao aspecto percussivo da sonoridade da linguagem junto ao corpo humano como realidade física. Em seu texto “*The Power of Philology*”, ele dá um exemplo dessa cultura da presença, citando a segunda amalgamação.

A minha impressão é que, de diferentes maneiras, todas as práticas filológicas geram desejos de presença, desejos de uma relação física e espaço mediativa com as coisas do mundo (incluindo textos, e que esse desejo de presença é de fato o terreno em que a filologia pode produzir efeitos de tangibilidade. (2003, p. 7).

A terceira, a linguagem capaz de proporcionar “experiências vividas” (*ästhetisches Erleben*), no âmbito fenomenologia da estética, e não como experiência interpretativa, mas como percepção puramente física¹⁰ (2010, p. 129), como “coisas que literalmente afetam nosso corpo” (HEDEGGER, 2010, p.59) em sua ação de presença.

Para Luhmann a comunicação no sistema de arte é uma forma de comunicação dentro da qual a percepção (puramente sensorial) não é apenas uma pressuposição, mas um conteúdo transmitido, junto com o significado da palavra (GUMBRECHT, 2012, p.68).

A experiência mística¹¹ e a linguagem do místico [...] produz o efeito paradoxal de estimular imaginações que parecem tornar palpável essa presença (*ibid*, p.69); na abertura da linguagem para o mundo dos objetos usa-se as palavras para apontar para objetos em vez de representá-los (*ibid*, p.69); a literatura como lugar da *epifania* (*ibid*, p.70), cujo melhores exemplo estão em James Joyce, sobretudo ao afirmar acerca de “uma manifestação súbita, quer na vulgaridade do discurso ou do gesto, ou em uma fase memorável da própria mente” (JOYCE, 1993, p. 113); a epifania como a identidade universal de todos os homens (WHITE, 2003, p. 490), quando o indivíduo se põe ao nível das coisas (SANT’ANNA, 1973, p.197) e na lida, com elas interage; ou no momento em que uma coisa manifesta sua essência, descoberta através da vulgaridade

¹⁰ É válido considerar tal experiência na primeira pessoa, a do artista, na lida da “*techne*”.

¹¹ Em seu livro “Egocentrismo e Mística”, Tugendhat coloca-a em primeira pessoa. Diferentemente da religião, a mística está acessível a todas as pessoas Chamadas também de multiplicidade do mundo fenomênico (p. 127).

da palavra” (LACAN, 2003, p.). Na estética o efeito de presença é a epifania como acontecimento imprevisível.

Sobre cultura de presença e cultura de sentidos, o autor defende uma relação que oscile entre efeito de presença e efeito de sentidos (2010, p. 15), porque reconhece a amalgamação, a ligadura entre presença e sentido, visto que “o homem é um animal *amarrado* as teias de significação que ele mesmo teceu” (GEERTZ, 2011, p. 4). Mesmo nessa relação, pode-se perceber uma diferenciação: “o corpo como lugar” da presença e da imanência, e “a mente como espaço” dos sentidos e da transcendência (TUAN, 2014, p. 8). Como presença, os objetos “devolvem ao meu corpo, tal como o faria um espelho, sua eventual influência; ordenam-se segundo as capacidades crescentes ou decrescentes do meu corpo” (BERGSON, 2011, p.82).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao demonstrar os aspectos contrastantes da cultura de sentido e cultura de presença, Gumbrecht, explica que a dimensão da presença é uma questão para análise, como um dos paradigmas basilares da Metafísica isso ocorre pelo ato mesmo da sua configuração analítica, isto é, de se colocar espacialmente distante do objeto, de uma empatia sem tangência, muito mais interpretativa e hermenêutica, por meio, sobretudo, da apoderação de sentidos, visto que prioriza menos a dimensão empírica.

A *cultura de sentido* pode ser entendida como um afastamento do outro, da vida e da natureza sem perder a chancela de *atribuição analítica de sentidos* às coisas, através da linguagem. Por outro lado, a *cultura da presença* pertence, por natureza, a uma dimensão ontológica “ecovivencial”, visto que a materialidade linguagem é o liame do sujeito com o mundo, numa profunda empatia que não anula suas alteridades. É ecolinguísticas, visto que esteve presente em todas as instâncias de relação do sujeito com o mundo a partir de experiências de coautoria de sentidos, copertença ao lugar de habitação, de significação pela *práxis* e da lida com o outro, nas experiências da presença da vida. Reconsiderando as Humanidades, sobretudo a Filosofia e as ciências qualitativas, a *cultura da presença* nos exorta a desenvolver inter-relações reflexivas, tangíveis afetivas implicadas ao Outro, no lugar (*oikos*) onde habitamos.

O problema da presença na metafísica está condicionado às questões linguísticas e conceituais de constituição histórica próprias da reflexão e metodologia de atribuição de sentidos aos objetos *para além* – o que não apreende sua configuração física, apenas interpretativa. E esta tendência de afastamento dos “objetos” e do mundo é uma constante nas ciências instituídas na Modernidade, conseqüentemente um afastamento das questões sociais, ecológicas e étnicas.

Tomando os aspectos cotidianos da cultura de produção presença, pode-se aferir daí que a relação do sujeito com o objeto é motivada por aspectos também afetivos¹², a partir das atribuições de sentidos no lidar, a partir das necessidades que motivam a *práxis*. Numa radicalização fenomenológica, seria a linguagem mais que um instrumento de mediação, em que as duas “vontades” (consciência mediadora e fenômeno “imediate”) se encontram em possibilidades provisórias de significação.

REFERÊNCIAS

- ARDOINO, J., BARBIER, R., GIUST-DESPRAIRIES, F., (1998) Entrevista com Cornelius Castoriadis. In: BARBOSA, J.G.,(coord.). *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos: UFSCar,1998
- ARISTÓTELES. *Ética e o Nicómaco*. 8.1155b28-29
- BLANC, Mafalda Faria. *Introdução à Ontologia*. Lisboa: Instituto Piaget, 2011
- BERGSON, Henri. *Memória e Vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2011
- CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2001
- COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007
- EVANGELISTA, João E. *Crise do Marxismo e Irracionalismo Pós-moderno*. São Paulo: Cortez: 2002.
- GARFINKEL, Harold. *Studies of Ethnomethodology Social*. 2. ed. UK: Polity Press, 1967
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação da Cultura*. Reimpressão da 1. ed. Editora LTC, Rio de Janeiro: 2011.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Production of Presence: What Meaning Cannot Convey*. Stanford: Stanford University Press, 2004.
- _____. *Produção de Presença – o que o sentido não consegue transmitir*. Ed. PUC- Rio, Rio de Janeiro, 2010.
- _____. *Graciosidade e Estagnação – ensaios escolhidos*. Ed. PUC- Rio, Rio de Janeiro, 2012.

¹² Zizek nos diz que “o modo fundamental da passividade do objeto, de sua presença passiva, é a que comove e incomoda” (2008, p 30) – sua percepção nos motiva a chegar-se numa relação de presença. Diferentemente, Aristóteles, ao exortar acerca do “amor ao vinho”, afirmou que não pode haver reciprocidade com objeto inanimado.

- _____. *Making Sense in Life and Literature*. Theory and History of Literature, Volume 79. University of Minnesota Press, Minneapolis, 1992
- _____. K.L. Pfeiffer (Edit.); *Paradoxos, Dissonâncias, Colapsos. Situações da Epistemologia Aberta*, Colóquio -1989 - Dubrovnik- Frankfurt1991
- _____. *Modernização dos Sentidos*. São Paulo: Editora 34, 1998.
- _____. *A presença realizada na linguagem: com atenção especial para a presença do passado*. In História da Historiografia. UFOP n. 03, setembro, 2009 revista eletrônica semestral
- HEIDEGGER, Martin, *A Origem da Obra de Arte*. Edições 70, São Paulo, 2010
- _____. *Ser e tempo*. Tradução revisada de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, Bragança Paulista: Vozes, Universidade São Francisco, 2006.
- _____. *Ser e Tempo*. Tradução Fausto Castilho. Edição Bilingue. Editora Vozes, 2012.
- JASMIN, Marcelo. Efeitos de uma intensa presença. In. *Produção de Presença – o que o sentido não consegue transmitir*. Ed. PUC- Rio, Rio de Janeiro, 2010.
- JOYCE, J - “EPIFANIAS”, In. *Revista da Letra Freudiana*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, ano XII, nº 13, 1993
- KUHN, Thomas. *As Estruturas das Revoluções Científicas*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- LACAN, Jacques *Livre XXIII: Le sinthome, 1975–1976*. Paris: Éditions du Seuil, 2005
- LACAN, Jacques. Joyce, o Sintoma. In. *Outros Escritos*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro: 2003
- MACEDO, Roberto Sidnei. *Etnopesquisa Crítica, Etnopesquisa-Formação*. 2 Ed, Brasília: Liber Livro, 2010.
- MATURANA, Humberto. *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana*. Belo Horizonte, Editora UFMG: 2001
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2011
- MORAN, Emilio F. *Adaptabilidade Humana*. São Paulo: Edusp, 2010
- MORIN, E. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.
- NANCY, Jean-Luc. *The Birth to Presence*. Stanford University Press, California, 1993
- NIETZSCHE, Frederich. *A Visão Dionisíaca do mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 2005
- NICOLESCU, Basarab. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom, 1999
- SANFORD, John. “Elementary pleasures” and “riskful thinking” matter to Gumbrecht. Stanford Report, November 17, 2000. Acessado em dezembro de 2013 <http://news.stanford.edu/news/2000/november29/gumbrecht-1129.html>.
- SANT’ANNA, Afonso Romano de. *A análise estrutural de romances brasileiros*. Vozes, Petrópolis: 1973.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo*. Porto: Afrontamento. 2006
- SCHUTZ, Alfred. *Sobre Fenomenologia e Relações Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2012
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar – a perspectiva da experiência*. Londrina: Eduel, 2013
- _____. *Topofilia – Um estudo da percepção, atitude e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel, 2012
- _____. *Space and place - 2013 / Espaço e lugar – 2013*. In. Geograficidade.v.4, n.1, Verão 2014 (ISSN 2238-0205)
- TUGENDHAT Ernet. *Egocentrismo e Mística*. Martins Fontes, São Paulo, 2013
- WHITE, Edmund. *Genet – uma Biografia*, Editora Record, São Paulo: 2003

ZIZEK, Slavoj. *Visão em Paralaxe*. São Paulo: Boitempo, 2008.